Ano V — Lisboa, Junho de 1949 — N.º 50

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA—LISBOA

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Evoca-se a figura de Maëterlinck

Acaba a Humanidade de perder um dos seus maiores valores da actualidade, se acaso a morte pode apagar um nome que deixa após si uma Obra tão valorosa. Maurice Maëterlinck, o mavioso poeta de «O Pássaro Azul», deixou de se contar entre o número dos vivos desde o passado dia 6 de Maio.

Esta notícia não podia deixar de causar forte impressão, sabendo-se que o desenlace vinha terminar uma vida excepcional de génio criador, de um desses homens assinalados, que do pequeno fazem obras profundas e do singelo podem tirar as bases desses poemas, repositórios de emoções estranhas e de mundos novos.

Maëterlinck era um poeta, um poeta verdadeiro, tanto na sua obra como na vida. Admirava a Natureza tanto no esplendor do pôr do Sol ou na fúria do ribombar do trovão, como no pequeno carreiro de formigas ou no balouçar lento de uma flor. Conheceu de perto a vida das abelhas e das formigas, desvendou o segredo das flores e descreveu a fascinação dos grandiosos movimentos das estrelas; tudo isto nos deixou como uma herança única e de valor impresumível.

Amava tanto o bulício dos teatros, onde o êxito nunca deixou de o acompanhar, como compreendia e adorava a tranquilidade das costas mediterrânicas, fonte de tanta inspiração para os seus livros.

Com 87 anos, conservava um espírito tão fresco que fazia remoçar quem dele se abeirasse.

Esta dualidade da figura de Maëterlinck, faz-nos compreender a força do génio do grande poeta. À sua sensibilidade nada passava despercebido. Era sempre o tradutor fiel de todas as emoções da alma humana.

O seu amor às manifestações da Natureza e a observação que sem-

(Conclui na 2.ª página)

Antigos Escoteiros

O acolhimento dispensado ao artigo publicado no último número do «*Sempre Pronto*», prova que não foi sem fundamento que afirmámos que o Movimento dos Antigos-Escoteiros já existe e que carece sòmente de organização. Pena é que, apesar do grande entusiasmo suscitado, dos comentários de aprovação, se mantenha uma tradicional aversão à escrita e não tivéssemos recebido mais respostas directas ao nosso apelo. No entanto, foi-nos grato receber algumas cartas de adesão de bons amigos, cuja atitude é de sobremaneira honrosa para a iniciativa em curso.

O antigo dirigente e E. C. D. Sr. Albano da Silva, depois de aplaudir o nosso artigo, afirma: — «*Quanto à constituição da "Fraternal„ não faço sugestões. Limito-me a dizer-lhe que podem, desde já, contar com a minha adesão*».

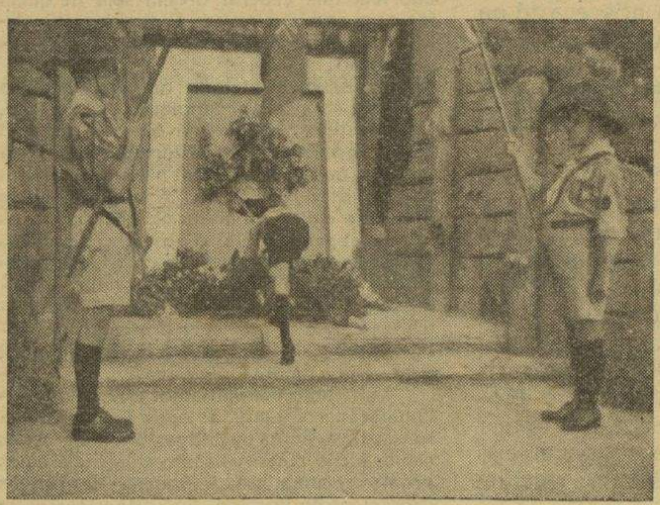
O igualmente antigo dirigente e E. C. D. Sr. António Álvaro Dória manda-nos uma carta interessante que lamentamos não poder transcrever na íntegra por falta de espaço, mas que talvez o façamos noutro número, que termina assim: — «*Espero, pois, dever-lhe a fineza de fazer chegar o meu obscuro nome ao grupo de "veteranos„, dizendo-lhes que o "Velho Lobo do Norte„ está disposto a retomar as suas velhas armas e a partir de novo "na senda da guerra„ como outrora*».

O Sr. António dos Reis Lopes, antigo membro do Grupo 49 de Faro, diz-nos: — «*apoio sem reservas a ideia de formar uma Fraternal de Antigos Escoteiros*».

O Sr. Gustavo Fernandes Pereira da Costa teve a gentileza de nos felicitar pela

(Conclui na 2.ª página)

As Comemorações da Batalha de La Lys



Na cripta dos Combatentes no Alto de S. João os Escoteiros colocam um ramo de flores

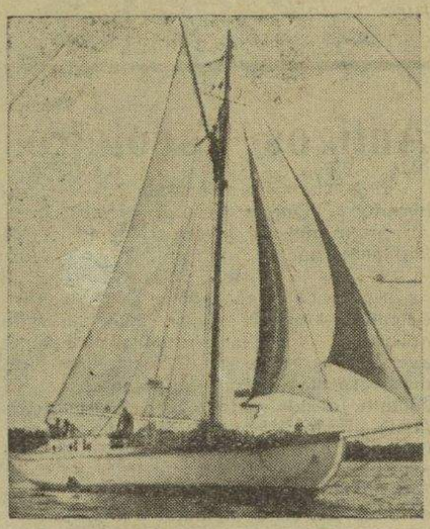


Os Escoteiros desfilam na Avenida da Liberdade

BREVES APONTAMENTOS DA VIAGEM DO "BAMBI,,

San Juan de Porto Rico,
Abril de 1949.

Bem depressa passaram os dois meses que permanecemos na vossa linda capital, Lisboa. Conservaremos gravadas nos nossos corações as gentilezas que aí nos dispensaram, especialmente entre os escoteiros. Entre todas as coisas recordamo-nos especialmente dos dias de Natal e do Ano Novo passados em casa do vosso esplêndido dirigente Sr. J. B. Cardoso, e a viagem com ele, no seu carro, no primeiro dia deste ano, à bela e histórica vila de Sintra. Foi maravilhoso ouvir as harmoniosas e bem conhecidas canções do Natal como se estivéssemos em nossas casas, passar alegremente o fim do ano e começar o Ano Novo da mesma forma como se faz no nosso país. Todas estas coisas nos sensibilizaram aproximando-nos do vosso lindo país.



O Bambi a todo o pano

Apanhámos um vento muito favorável quando deixámos Lisboa e, cinco dias depois da nossa partida, ancorámos no porto de Casablanca, junto do mesmo nosso vizinho da Doca de Belém, o iate francês «Ariel».

Logo na primeira tarde em Casablanca, eu e os meus companheiros reunimo-nos com alguns escoteiros dinamarqueses e franceses, que também estão fazendo uma grande viagem. Durante oito dias vimos o suficiente desta cidade árabe, e fizemos uma viagem de comboio e autóbus pela típica cidade de Marrakech. Levantámos novamente ferro e sulcámos para a distante ilha da Madeira e estas 500 milhas náuticas foram cobertas em cerca de 12 dias. O primeiro dia no Funchal foi o suficiente para nos provar que o Sr. Cardoso com boa razão nos disse: «Não se esqueçam de passar no Funchal». Sentíamo-nos como se tivéssemos encontrado o paraíso. As casas com os seus jardins fronteiros, os bem tratados parques, a alegria do povo, tudo isto nos impressionou muito.

No Funchal fomos convidados para uma reunião de escoteiros e vimos lindas e cuidadosas colecções de fotografias, pássaros, lembranças de Jamborees, etc. O Escoteiro-Chefe da Madeira, Sr. Coronel Eduardo António Santos Pereira, estava também presente. Esta noite e a cidade do Funchal são por nós recordadas com apreço.

A última terra de Portugal que visitámos foi a Ilha Grande Selvagem, a 120 milhas ao sul da Madeira. Ficámos aqui uma tarde fazendo vida de «Robison Crusoe», pescando e caçando.

A seguir visitámos Santa Cruz de Tenerife, onde fizemos uma viagem de autocarro pela estrada que conduz a 3.710 metros de altura, ao Pico de Teide, coberto de neve. Fizemo-nos de novo ao mar e, a todo o pano, atravessámos o Atlântico para as Índias Ocidentais, para San Juan, em cerca de mês e meio.

Posso, portanto, dizer que o «Bambi» navegou ao todo, desde Helsínquia, 7.500 milhas náuticas em 105 dias.

Toda a tripulação do «Bambi» envia saudações para os seus irmãos-escoteiros em Portugal, expressando os seus agradecimentos pelo seu espírito de auxílio e esperando ter oportunidade de os ver de novo.

AARNE A. ROIHA

Os Jogos Florais do Ateneu Comercial de Lisboa

Aberto a todos os poetas e prosadores portugueses, vai o A. C. L. promover os Jogos Florais de 1949, cujas produções poderão ser entregues na secretaria da colectividade, até 30 de Junho próximo.

As condições estão patentes na secretaria do Ateneu.

Evoca-se a figura de Maëterlinck

(Conclusão da 1.ª página)

pre lhes dedicou, são qualidades que evidenciam a sua personalidade. «A alegria de viver, — diz-nos Maëterlinck, — pode ser reconquistada por meio de objectos tão perto de nós que com dificuldade os vemos. Os campos, as árvores que mudam de aspecto; as cores da madrugada que se levantam hoje, e das luzes que brilharam na véspera; a criança que brinca na porta vizinha à nossa, as amizades em torno a nós e a fé na vida é a essência da mocidade». Nele a vida, nas suas agruras, nunca foi desilusão ou desespero. Sentindo os golpes profundos, não quedava anuviado, mas sorria e lutava. A esperança não era para ele uma passividade doentia, mas sim uma aspersão desse sentimento pelos que dele andavam arredios.

Para se poder aquilatar os predicados do escritor, transcrevemos umas linhas de um dos seus livros. Diz ele: «Há muito tempo já, que renunciei a procurar, cá no mundo, maravilha mais interessante e mais bela do que a verdade, ou, pelo menos, do que os esforços do homem para a descobrir. Não nos afadiguemos nunca a procurar nas coisas incertas a grandeza da vida. Todas as coisas certíssimas são grandíssimas, e, até hoje, ainda não vimos uma delas por todas as fases».

São estes os princípios que regeram sempre a sua Obra, traços dignos de serem seguidos pelos discípulos de Baden-Powell. Por isso, a evocação da sua vida, dado os bons ensinamentos que encerra, é a maior consagração que pode ser dedicada ao seu nome. Dá-la a conhecer aos escoteiros deste país que ele tanto amou, é a melhor homenagem que lhe poderemos prestar. Façamo-la pois.

JOEL RIBEIRO

Antigos Escoteiros

(Conclusão da 1.ª página)

iniciativa e escreve: — «*Como antigo escoteiro do Grupo n.º 3 [(L. P. N.) peço a fineza de me considerar adepto desse movimento e mais: inscrever-me como assinante do nosso jornal*».

A todos estes bons camaradas agradecemos as suas palavras amigas e prometemos não nos desinteressarmos do assunto.

Excepcionalmente fazemos referência a uma carta que nos foi endereçada assinada com pseudónimo. Por princípio nunca nos referimos a cartas cujo autor se não identifique. Se abrimos uma excepção para esta é porque a achámos interessante e para dizer ao seu autor que os Antigos Escoteiros não têm que esperar ordem seja de quem for para se organizarem. É directamente deles que tem de partir a iniciativa da sua organização.

A nós, ou a qualquer outra entidade, só compete coordenar e apoiar a sua decisão. Neste sentido vamos tentar o recenseamento dos Antigos Escoteiros de Portugal. Pedimos a todos os nossos camaradas o favor de preencherem os verbetes que vão ser distribuídos para esse efeito, ou nos solicitem quando os não recebam, fazendo o obséquio de no-los devolverem depois de subscritos. O preenchimento deste Boletim não implica qualquer compromisso presente ou futuro. Pretende-se apenas conhecer o número de Antigos Escoteiros, e os seus actuais endereços, com vista a futuras iniciativas.

Entretanto, desejaríamos que todos continuassem a dar-nos as suas sugestões e a sua aprovação às iniciativas tomadas. Após elaborado o recenseamento diligenciaremos promover uma grande reunião de Antigos Escoteiros de Portugal e não deixaremos de o fazer se verificarmos que é esse o desejo dos Antigos Escoteiros.

UM INQUÉRITO

Aos Grupos de Escoteiros da Capital

O GRUPO N.º 2 PRECISA DE UMA SEDE

O «Sempre Pronto» *tomou a iniciativa de fazer um inquérito aos grupos de escoteiros da capital a fim de dar a conhecer a sua vida, actividades, efectivo, aspirações, projectos, etc. Começámos pelo «Dois». Mau princípio. Este Grupo vive uma época difícil. Mas, talvez não seja mau princípio; o 2 tem muitos amigos, muitos antigos escoteiros, e se a situação do Grupo for conhecida é possível que muitos deles venham em seu auxílio.*

Quinta-feira, dia de reunião do Grupo 2, e se lhe fizéssemos uma visita? A ideia aprovada e eis o Director e o Redactor Principal do «*Sempre Pronto*» a caminho da Sede Central onde o 2 está provisòriamente... instalado, mal instalado.

Fomos recebidos gentilmente pelo Chefe Álvaro Rodrigues e pelo seu Ajudante. Após breves palavras de apresentação, começámos por lhe perguntar:

—Pode dizer-nos qual o efectivo actual do «2»?

O Chefe Álvaro Rodrigues acedeu prontamente a elucidar-nos:

—Presentemente contamos 4 dirigentes, 5 «séniores» e 10 «juniores». Ao todo 19.

— E também há aspirantes? — observámos.

—Apesar das condições em que o grupo se encontra, temos 4 aspirantes...

—... O que não é nada mau,—comentámos nós. — E sobre as patrulhas, que nos pode dizer?

O camarada Rodrigues pensa um pouco e responde:

—Apesar de incompletas, continuamos com 3 patrulhas: 2 juniores e 1 sénior, respectivamente a «Leão» e a «Raposa» e a «Vasco da Gama».

Satisfeitos com a concisão das respostas, prosseguimos a nossa conversa e perguntámos-lhes quais eram os programas de trabalho em vistas.

A resposta foi pronta e notámos no Chefe do «2» um acento amargo:

—O grupo está, por assim dizer, parado. A situação em que nos encontramos não permite mais que algumas actividades de campo, fora de qualquer plano estabelecido. Também temos realizado algumas visitas de estudo, mas presentemente encontram-se suspensas. Projectamos visitar, quando for possível, o Reformatório de Caxias...

—... E os escoteiros manifestam interesse pelas actividades?—atalhámos...

—Sim, todos denunciam interesse.

Suficientemente inteirados sobre este aspecto da situação do «2», mudámos de assunto e prosseguimos:

—Diga-nos, Álvaro Rodrigues, se a situação financeira do grupo é boa.

—Infelizmente não posso responder afirmativamente. Lutamos com dificuldades por não termos cobrador. E a propósito: como há muitos dos nossos sócios que são assinantes do «S. P.» pedimos-lhes que lhes transmitam as nossas desculpas pelos atrasos verificados na cobrança.

—Com todo o prazer, — respondemos nós. — E diga-nos agora: que projectos têm para o futuro?

—Não temos nenhuns, — respondeu o nosso camarada.—Tudo quanto poderíamos arquitectar estaria dependente do assunto da nossa sede...

—...Quer dizer então, — ajuntámos,— que a maior aspiração do «2» é a sede, não é verdade?

—Exactamente! A existência deste grupo está dependente deste problema. Nestas condições é que não podemos continuar a trabalhar; temos de encontrar a todo o transe, um canto a que possamos chamar «a nossa sede». Não fazemos questão de tamanho; precisamos é de um abrigo!

—Diga-nos, caro Álvaro Rodrigues, há quanto tempo se encontram aqui na sede central?

—Há dois anos e cinco meses...

—E não tem nada ainda em vista?

—Nada!—respondeu tristemente o chefe do «2».—Temos apelado para os muitos antigos escoteiros do «2» que nos ajudem a resolver este assunto. Contudo, nada tem sido possível conseguir.

—Muito obrigados por todas as suas informações; e já agora queira dizer, por intermédio do «S. P.», algumas palavras aos nossos camaradas de todo o País.

E o nosso amigo Álvaro Rodrigues acedeu prontamente ao nosso convite, dizendo:

—Queiram apresentar a todos os nossos irmãos-escoteiros de todo o País as felicitações do Grupo 2, que lhes deseja muitas prosperidades e bom Escotismo.

Agradecendo toda a gentileza deste nosso camarada, pedimos-lhe para nos deixar dirigir algumas perguntas a um dos seus guias de patrulha, com o que ele concordou, chamando o guia da patrulha «Leão», o escoteiro Eduardo Melo Luís, a quem perguntámos:

—Então, quantos rapazes tens na tua patrulha?

—Presentemente 6 rapazes.

—E estás satisfeito com eles?

—Muito satisfeito. São todos excelentes camaradas.

—Quanto a actividades?

—Presentemente temos algumas. Por exemplo, estamos a construir um armário.

—Há muitas 2.as classes?

—Não temos nenhumas porque os rapazes têm todos pouco tempo de serviço.

—E qual é a vossa maior aspiração?

—A SEDE é a grande aspiração do Grupo 2!

—Obrigado, Eduardo Luís. Queres dirigir alguma saudação aos guias de todas as patrulhas «Leão» de Portugal?

—Com todo o gosto. Desejo a todos muitas actividades e *boa-caça!*

Agradecemos a atenção com que foram atendidos os nossos desejos e retirámo-nos. Enquanto o fazíamos íamos pensando: De facto, instalado na Sede Central não pode haver um grupo de escoteiros. Se alguma dúvida ainda pudéssemos ter, esta visita tinha-a dissipado.

É que, enquanto a nossa entrevista prosseguia, os escoteiros do «2» trabalhavam. Na sala ao lado decorria uma reunião, e os escoteiros ouviam — como nós — o que não deviam ouvir...

Não! ali não é local para que um Grupo de Escoteiros possa fazer Escotismo...

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Nascimento — No passado dia 8 de Abril, foi enriquecido o lar do nosso prezado irmão-escoteiro e correspondente do «S. P.» em Sintra, Sr. António Augusto da Silva e Cunha e de sua Ex.ma Esposa, Sr.ª D. Vera Ribeiro da Cunha, com um interessante *bébé*, o José António. No mesmo dia, foi entregue na sede do Grupo n.º 93 uma proposta para sócio com o nome deste futuro lobito.

Aos felizes pais apresentamos felicitações e ao José António apetecemos mil venturas.

De luto — Em 25 do mês de Maio findo faleceu o Sr. Carlos Ferreira Lino, irmão dos nossos estimados amigos Sr. Fernando Lino, nosso dedicado assinante, e Alfredo Lino.

A toda a família enlutada expressamos as nossas sentidas condolências.

Portugal no «Rover-Moot» da Noruega

Em 1 de Agosto próximo, será inaugurado em Skjak, na Noruega, o grande acampamento internacional dos Escoteiros Seniores, ao qual concorrerá grande número de Escoteiros de diversas nações, especialmente da Europa.

Ignoramos se em Portugal se persiste no intento de mandar ali uma Delegação. Julgamos que sim, porque, tal como aconteceu na altura do Jamboree da França, já alguns elementos, há muito desinteressados do Escotismo, surgem no quadro associativo dispostos a fazer o sacrifício de o incómodo de uma viagem à Noruega, enquanto outros, cuja incapacidade tem sido notória, aparecem agora afadigados pelo mesmo objectivo.

Se tais indícios confirmam o desejo de mandar ao «Rover-Moot» uma representação portuguesa, não podemos deixar de manifestar o nosso desapontamento por se não preparar o contingente nacional de maneira a que se não vá ali marcar apenas uma inútil e apagada presença—como aconteceu no Jamboree de 1947 — mas antes assinalar uma comparticipação digna e honrosa para o Escotismo Português. Aguardemos os acontecimentos para comentários mais esclarecidos.

A Casa Mãe das Raparigas da Cidade

Esta simpática Casa, fruto do idealismo das nossas irmãs-escoteiras Sr.as D. Clotilde Ferreira e D. Renée Van Nitsen, prossegue com notável dedicação na sua tarefa de oferecer um lar a criancinhas que nunca o tiveram ou o tinham perdido por completo.

A Instituição tem hoje 40 meninas internadas, uma das quais tem 18 meses e entrou com a idade de 14 meses num momento de aflição em que a Mãe—o único amparo que tinha — lhe falecia no hospital, e isto é suficiente para se avaliar a sua importância.

Por gentil convite das suas directoras, tivemos o prazer de apreciar uma exposição de bonecas, vestidas, calçadas, adornadas, com vestuário e calçado feito na Casa Mãe, pelas mãos das pequeninas. A perfeição de todos os trabalhos até aos mais simples pormenores era encantador. Cada boneca tinha o seu vestido diferente, desde o fato de praia, ao vestido de seda, desde o trajo regional da Nazaré até à farda de escoteira com todas as insígnias e distintivos nos seus tamanhos proporcionais.

Receamos que a nossa descrição não corresponda ao valor verdadeiramente artístico da Exposição, mas muitos dos nossos leitores terão ensejo de apreciar estes trabalhos na «Casa da Maria Rita» que a Casa Mãe vai inaugurar na Feira Popular de Lisboa.

O "SEMPRE PRONTO"
Vende-se em Lisboa na
TABACARIA DO CAFÉ SUÍÇO
Rua do 1.º de Dezembro
(frente à Estação do Rossio)

AINDA O 37.º ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 1

Mensagem do antigo Chefe do Grupo «Um»

ERNESTO DE SOUSA

(Conclusão do número anterior)

Gratas recordações

Tudo isto parece um sonho, não é verdade, meus caros? Não é um sonho. Não são palavras. São FACTOS, a realidade! Foi tudo isso que fez do querido «1» o grupo que era. Foi essa bela camaradagem, sadia, risonha, elevada, sincera, que deixou nas nossas vidas frutos preciosos de valores perduráveis. Foram as amizades sólidas de todos, esses exercícios na sala da Rua das Gaivotas e esses inúmeros acampamentos como que laboratório onde os alicerces sólidos do nosso carácter se estabeleceram.

Recordam-se das visitas aos Museus de Artilharia, Etnológico, Nacional da Marinha, Coches, Aquário de Algés, Jardim Zoológico, Torre de Belém, Oficinas do «Século», do «Diário de Notícias», Liga Naval, etc.? Recordam-se das guardas de honra aos Embaixadores da Inglaterra, da América, da França, ao Ministério da Instrução, na festa da Escola Municipal N.º 1, à comissão americana do Canal do Panamá, a Kermit Roosevelt, filho do antigo presidente dos Estados Unidos?

Recordam-se daquele acampamento, no Alfeite, quando às duas horas da manhã acordámos todos os rapazes e com espanto de todos eles mudámos todo o acampamento para um lugar mais distante... para aí serem surpreendidos com uma festa de melancia? Que noite de tão lindo luar!

Recordam-se do acampamento de Fitares, quando no domingo à noite, direi às duas horas da manhã, os escoteiros espalhados a dois e dois no pinhal, estilo militar, um «sentinela alerta» a cada quarto de hora, os reunimos todos à volta da fogueira, perto do moinho, e aí lhes foi oferecido cacau preparado pelo Cosme e pelo Humberto, assim como sanduíches deliciosas, amabilidade da dedicada família Vilar que nos tinha visitado nesse dia?

Recordam-se do acampamento de Belas, como chovia torrencialmente? Como Casquilho e Albano preparavam o jantar cobertos de partes de barracas? Como fomos obrigados a dormir (?) numa espécie de cocheira, cada um deitado sobre ramos de pinheiro, mangedouras, etc.? Como todos riam, gracejavam, cantavam e... às três da manhã, a visita inesperada do... cavalo da cocheira? Que risada tremenda!

Não faltou o heroísmo

Recordam-se da revolução de 14 de Maio? Que coragem de tantos rapazes, como António e Roberto Chamusco, Júlio Trindade, Clímaco e Saramago? Como um dos nossos rapazes tinha o chapéu perfurado por uma bala? Aquele homem que expirou nos nossos braços à esquina da Rua das Gaivotas e Conde Barão, com o pescoço atravessado por uma bala? Como quatro de nós seguindo as tropas do governo naquela calçada entre o antigo Largo do Rato e as Amoreiras, fomos de repente surpreendidos pelas forças revolucionárias? Tiroteio a valer, mortes aqui e ali, feridos por toda a parte? Escondemo-nos numa escada qualquer. De repente, o mais novo enervou-se demasiadamente. Não era de medo mas sim devido aos gritos dolorosos dos feridos em frente de nós. Ele queria sair para ajudá-los. Detive-o. Decidimos então pôr um lenço branco numa das nossas varas. Viemos perto da porta e fizemos sinais. O milagre operou-se. O tiroteio cessou. Saímos para auxiliar os feridos. As ambulâncias da Cruz Vermelha vieram também. Nelas fomos com os feridos até ao hospital da Estrela. Obtivemos os nomes deles e notificámos as suas famílias.

Recordam-se do incêndio no Depósito de Fardamentos? Aqueles leões que eram Chamusco, Cosme, Humberto e nove outros, ajudando o carro-maca dos Bombeiros Voluntários, auxiliando bombeiros, segurando mangueiras, transmitindo ordens, outros trabalhando no rescaldo de salvados? Que grupo tão corajoso de verdadeiros escoteiros.

Mais recordações

Recordam-se do acampamento da terceira patrulha em Sintra, trepando toda a serra até ao mais alto do castelo? Recordam-se do acampamento de Fitares? Sete belos dias ali passados. Depois, a marcha a Colares e Praia das Maçãs, onde acampámos. No dia seguinte marcha até Cascais, onde nos regalámos com uma deliciosa refeição de «bacalhau com grão»? E, no dia imediato, nova marcha de Cascais a Lisboa? Quantos rapazes em Portugal têm feito uma marcha semelhante?

Recordam-se das férias-passeio a Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Alcobaça, Batalha, Leiria, Torres Vedras, Lisboa? Aqueles passeios nas ruas das Caldas da Rainha, como se fôssemos descobridores de terras históricas de valores camoneanos? O acampamento na praia de S. Martinho do Porto? A marcha a Alcobaça debaixo dum calor terrífico? Quando perto da mesma vila enviei dois escoteiros para escolherem um lugar propício ao nosso acampamento? Que lugar ideal eles escolheram, detrás do mosteiro, perto dum lindo ribeiro de água límpida? Que, quando ali chegámos, querendo experimentar a resistência e o espírito da rapaziada, sugeri ver em quantos minutos aprontávamos o acampamento? Após uma longa marcha, calor sufocante, cansados, aprontámos tudo em 5 minutos! Quão merecido foi o banho que se seguiu naquele límpido ribeirinho! E o acampamento em frente do mosteiro da Batalha? A chegada a Leiria, acampando perto do rio Lis? Havia ali várias mulheres lavando roupa, que, quando começámos a lavar a nossa, todas elas vieram ao nosso encontro, a tomaram e a lavaram, sem aceitarem remuneração alguma? Que recordações! Dizer-se que chegámos a Lisboa com 15 centavos na algibeira!

Sim, Deus nos acompanhou sempre e em tudo! Acaso notaram, meus caros, que em todos os passeios, exercícios e acampamentos nunca tivemos um único escoteiro doente ou ferido? Que pagámos sempre as nossas despesas sem dever cousa alguma a alguém? Que nunca houve queixa do comportamento dos nossos rapazes?

Muito, muito mais, se poderia dizer desse grande grupo, meus queridos! É com humildade e com profunda gratidão a Deus que sinto que todos nós tivemos a honra de pertencer ao melhor grupo de escoteiros que jamais existiu neste mundo. Se tivesse meios e tempo disponível certamente que me esforçaria por propagar aos quatro cantos da nação portuguesa a história brilhante do 1.º grupo de Escoteiros de Portugal. Não me refiro à vaidade ou ao prestígio seja de quem for, mas sim àquela lição profundíssima, de valiosas consequências, da possibilidade de se fazer um trabalho notável, sério a valer, com a mocidade portuguesa, e a de por ele se elevar a mentalidade, os ideais da nação ao nível das grandes nações de maior progresso e civilização!

Sugere-se a criação da Fraternal

A linda história do n.º 1 deve ser transmitida às futuras gerações. Com essa intenção eu tomo a liberdade de alvitrar a criação dum grupo, clube ou seja qual for o nome que lhe queiram dar, de todos os veteranos do n.º 1. Que se reúnam, uma, duas ou três vezes por ano, para confraternizarem, para discutirem maneiras de propagar os ideais e trabalho do «1», para estudarem, encorajarem e auxiliarem a revivificação das actividades do n.º 1. Que de vez em quando se faça como que uma festa familiar, para a qual seriam convidadas as vossas esposas, filhos, famílias, etc.

Uma vez por ano publiquem como que um jornalzito qualquer, simples folha comemorativa, feito à máquina duplicadora, no qual se falaria dos belos dias do querido «1», notícias de escoteiros, anedotas de peripécias várias desses dias, mensagens de saudação, encorajamento, actividades actuais, etc., etc.! Aí fica o alvitre, meus caros!

Palavras finais

Termino pedindo desculpa a todos os presentes da maçada desta carta tão longa. Escrevo-a baseado no desejo de refrescar a vossa memória com recordações preciosas e queridas desses dias inigualáveis do muito amado 1.º Grupo de Escoteiros de Portugal.

Para a frente, meus queridos, Portugal está passando por um verdadeiro renascimento nacional! Que o saudoso n.º 1 possa continuar a merecer de «A Pátria Muito Agradecida».

Um abraço, forte e saudoso, a cada um de vós, assim como sinceros votos pela bênção e felicidade de todos. Que Deus seja com todos vós em tudo e sempre.

Permitam-me que ao terminar vos peça o favor de me acompanharem numa petição sincera, do meu coração. Apesar dos anos e da distância de milhares de quilómetros, o meu coração está convosco, presente neste momento para mim solene. Tenham a bondade de se levantar e de curvarem as vossas cabeças, para num minuto de silêncio nos recordarmos com afeição daqueles que nos eram tão queridos, que tanto fizeram para nós e que transpuseram já os portais da eternidade para ali receberem, justamente, a coroa da vida e da vitória cedida pelo muito amado Salvador!

Após isso, cantem comigo, de toda a vossa alma e coração aquelas belas palavras da «Portuguesa». Com o entusiasmo da vossa afeição patriótica tornai uma vez mais verídicas nas vossas vidas esse nobre conselho: «Heróis do mar, nobre povo... levantai hoje de novo o esplendor de Portugal»!

Do coração... viva Portugal! Afeição sincera e terna a todos vós! Que Deus vos abençoe a todos!

Muito e muito saudoso, o
Vosso camarada muito agradecido,

Ernesto de Sousa

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Conselhos aos Campistas

As noites de acampamento

As noites de acampamento são, sem dúvida, as melhores recordações do campismo, pela sua beleza e pelo benefício para a saúde. Todavia, há necessidade de determinados cuidados, especialmente no que respeita às noites passadas debaixo de tenda, cuidados esses que neste começo de época desejamos recomendar.

Nunca dormir com a roupa que se usou durante o dia. É conveniente ter roupa própria para dormir, sendo preferível que seja de lã e em contacto com a pele.

A melhor maneira de usar o cobertor—que deve ser de lã—é cosê-lo na forma de um saco. Não dormir com peúgas que se usaram durante o dia e muito menos com sapatos.

O comércio da especialidade tem à venda uns colchões de campismo que protegem da humidade e ainda outros, em forma de saco de dormir, que servem também de abafo, cujo uso é recomendável, muito embora a nossa manta de lã cosida em forma de saco os substitua. Os jornais são óptimo meio de isolamento e aquecimento; nunca devem faltar na mochila.

Não dormir com a cabeça descoberta. Uma bóina ou um lenço em redor da cabeça protegem da humidade e dão uma sensação de bem-estar.

Quando o campista se deita deve abafar-se bem, ainda mesmo que sinta calor. Deve contar que durante a noite arrefecerá.

A tenda deve ser montada em local batido pelo sol.

O solo deve ser isolado. Palha, feno seco, caruma, tojos batidos e cobertos com um pano, são bom isolamento e dão muita comodidade. Devemos ter bem presente que é mais necessário proteger-nos do solo do que do ar. Um bom pano isolador é indispensável.

Depois disto silêncio. E a soneca é esplêndida.

□ □

Cozinha campista

Beringelas fritas — Cortam-se as beringelas em fatias delgadas, no sentido do comprimento, envolvem-se em massa de frigir, e depois fritam-se em azeite.

A massa para frigir é composta da seguinte forma: numa tijela deita-se farinha, acama-se, fazendo um buraco no centro, onde se deitam dois ovos batidos, duas colheres de água e uma de azeite. Mexe-se tudo muito bem, juntando mais água, a pouco e pouco, até formar uma massa consistente.

Salada de beringelas cozidas—Pelam-se as beringelas, preparam-se e temperam-se com azeite, azeitonas, e o sumo de um limão, ou, em seu lugar, tomate bem maduro e sem pele.

Do «Tratado Prático de Alimentação Racional» de A. Martins Cavaco.

□ □

Répteis

O Cágado

Eis um simpático animal, que merece a protecção dos escoteiros. O Cágado ou Sapo-Concho vive nas ribeiras e pântanos especialmente do centro e sul do nosso país. É muito curioso, apresenta o corpo envolvido por uma rija caixa óssea, e fora dela só saem a cabeça, as patas e a cauda.

Se analisarmos o animal verificaremos que a caixa óssea é formada por uma porção dorsal e uma porção ventral, unidas por uma membrana resistente, e constituídas por placas ou chapas ósseas unidas.

Examinando as partes livres veremos escamas semelhantes às de outros répteis.

A boca não tem dentes, mas as mandíbulas possuem os bordos córneos, o que o habilita a prender e morder os animais que caça.

O Cágado, quando pressente algum perigo, encolhe as patas e a cabeça, ficando inteiramente protegido dentro da sua caixa.

É óptimo nadador, passa a maior parte do tempo debaixo de água, onde busca a sua alimentação: rãs, caracóis, vermes da água e peixes. Come a parte carnuda destes animais, deixando o esqueleto completamente limpo.

É anfíbio. Vive fora de água e vem muitas vezes à terra. Na ocasião da postura, a fêmea cava na terra, com a cauda, um buraco de forma cónica, e nele deposita os ovos, em número de nove, cobrindo-os em seguida. Os filhos assim que nascem, na primavera, dirigem-se logo para a água.

Podem ser fàcilmente conservados em casa, com um simples aquário e deixando-os andar livremente por casa ou por um quintal, alimentando-os com pedaços de carne, que se podem deitar na água.

Há quem os use como alimento. Fazendo sopa com a sua carne e comendo-a mesmo. Não podemos recomendar porque, confessamos, nunca provámos.

OBSERVADOR

□ □

Jogos

Corrida de Tanques

Competição de patrulhas—Cada patrulha é enlaçada com uma espia. As patrulhas alinham num ponto de partida e a um sinal de apito correm enlaçadas para a meta. Ganha a que chegar primeiro sem se desembaraçar do laço.

A caça dos Gambozinos

Este jogo faz-se de noite, numa zona vasta, aí com meio quilómetro a um quilómetro de lado num bosque ou pinhal.

Uma patrulha, os Gambozinos, partem à frente, escolhem um local do campo, fazem fogo. A um sinal do chefe do jogo, as patrulhas restantes partem à sua busca. A este mesmo sinal, os Gambozinos abafam o seu fogo e vão colocar-se a alguns metros dele. Os perseguidores devem orientar-se pelo cheiro do fumo, encontrando assim o local e capturando os Gambozinos num tempo dado.

O fogo ou os fogos devem ser suficientemente grandes para deixarem tições fumegantes, e o fogo deve ser abafado, e não inundado, a fim de que fumegue abundantemente durante o tempo fixado (quinze minutos por exemplo). O melhor é que o Chefe do Jogo parta com os Gambozinos e vele. Os Gambozinos, após o fogo abafado, não podem mais deslocar-se. A sua captura não é senão um acessório, o essencial é encontrar a fogueira fumegante através do olfacto.

Por isso o jogo deve ser feito longe de outras fogueiras de madeira, mesmo de casas, evitando igualmente o vento, mesmo a brisa.

IMPRENSA

JORNAL DO PESCADOR

Este importante mensário, que nos honra com a sua visita, órgão das Casas dos Pescadores, comemorou com o seu n.º 124, de Abril p. p. o XI aniversário.

Apresentamos-lhe votos de contínuas prosperidades e novos êxitos, felicitando os seus directores por este aniversário.

MUNDO DESPORTIVO

Comemorou recentemente o seu 4.º aniversário este simpático paladino da causa desportiva. Por este motivo felicitamos na pessoa do seu ilustre Director, Sr. Raul de Oliveira, todos os que no «Mundo Desportivo trabalham, formulando votos de contínuas prosperidades.

«RESOLUÇÕES DE ANGOULÊME»

Uma importante reforma nos métodos educativos escotistas

Em França assiste-se presentemente a um notável desenvolvimento do Escotismo, aumentando de dia para dia o número de grupos e de escoteiros e realizando-se actividades de grande envergadura com muita frequência.

Estes factos têm levado os dirigentes franceses a estudarem profundamente o método de Baden-Powell, ensaiando novos processos que permitam maior eficiência na educação da juventude por este sistema.

Em Setembro do ano passado, esteve reunido em Angoulême um congresso da *Équipe National Éclaireur,* que tomou decisões sobre a técnica escotista de tal importância que ficaram conhecidas por «Resoluções de Angoulême», as quais estão já em experiência e, segundo um nosso camarada parisiense, têm obtido bons resultados.

Foi feita uma reforma completa na técnica escotista, com novas provas para aspirante, 2.ª e 1.ª classe, cuja aplicação dá ao rapaz ensejo de se especializar em determinadas matérias, sem despender os seus esforços em provas que, devido às suas tendências naturais, nunca o entusiasmariam.

Os escoteiros são assim obrigados a prestar em cada classe as seguintes provas:

Aspirante: ter 4 noites de campo e prestar uma prova em cada uma das 6 séries em que elas estão divididas.

Segunda classe: possuir 8 noites de acampamento e ter 18 provas (3 em cada série).

Primeira classe: ter passado 30 noites de acampamento e realizar uma exploração especial no campo e prestar 50 provas.

«Ecuyer» (Escoteiro da Pátria): ser aprovado pelo Conselho de Guias e ter as provas de «Primeiros Socorros» e «Salvador», corresponder-se com indivíduos do estrangeiro e realizar um bom trabalho escotista.

Com este plano de trabalhos, evita-se a repetição dentro dos grupos das provas de 2.ª classe, como estava acontecendo, e permite-se ao rapaz eximir-se a actividades para as quais não sente propensão. Ao mesmo tempo, procura-se variar o mais possível as actividades, fugindo-se às tradicionais provas de nós, morse, cozinha, etc., e procurando-se outras que apaixonem os rapazes, tais como as de electricidade, futebol e lançamentos de papagaios de papel.

Tem-se em mente, por meio destes processos, oferecer aos escoteiros possibilidades de se especializarem nas matérias por que nutram mais simpatia.

Fora das actividades ao ar livre e do enquadramento em patrulhas, criar-se-ão oficinas técnicas, onde os rapazes de diferentes grupos possam fazer os trabalhos de que necessitem.

Foi também revisto o sistema de patrulhas e decidiu-se criar as «actividades por grupos» em que cada patrulha desempenhará determinado papel, ao contrário de, como se procede agora, comparar os trabalhos mais ou menos bem sucedidos das patrulhas. Foi aconselhado mudar-se ao fim de cada exercício, a constituição das patrulhas, permitindo-se ao rapaz escolher aquela da sua especialidade. Isto terá por objectivo tirar à patrulha o aspecto de quadro rígido e emprestar-lhe o carácter de «*um bando de rapazes vivendo em comum uma aventura*».

Sobre as relações entre os chefes e os escoteiros, também algo de importante foi tratado. Diz o prospecto que temos em nosso poder:

«É necessário precisar que o Escotismo não é uma «obra de beneficência» que utiliza a forma de Movimento de Juventude, mas um Movimento de Juventude que, por sua própria forma, tem uma acção educativa. Não pertence pois ao chefe impor aos rapazes o que pense ser bom para eles. Entre nós, são os rapazes que se reúnem para efectuarem aquilo que for necessário, pedindo então ao chefe a sua ajuda».

Dentro deste espírito, foi resolvido pedir a todos os escoteiros que se reúnam sem a presença do chefe, a fim de elaborarem uma «constituição do grupo» que regerá o funcionamento dessa unidade e em particular as relações entre o chefe e os escoteiros.

Em resultado da crise moral que o mundo atravessa, decidiu-se apresentar o compromisso de honra ao escoteiro, não como uma regra de moral vinda dos adultos, de quem eles hoje recebem tão maus exemplos, mas como uma lei a adoptar entre rapazes. Os bons costumes tomados dentro do grupo, acompanharão certamente o escoteiro durante toda a sua vida, que é, em suma, o que se pretende. A promessa será apresentada como um compromisso que os rapazes tomam entre si.

E a terminar estes estudos, delinia-se o verdadeiro modelo de chefe para levar a bom fim a educação escotista, nos novos moldes, desta maneira:

«Um chefe que esteja sempre próximo dos rapazitos, sentindo bem o que eles precisam, cheio de tacto e de delicadeza, um «chefe-irmão mais velho» e não um «guia de homens».

«Um chefe com espírito inventivo, sempre pensando oferecer novos programas aos rapazes, e não o repetidor enfadonho de nós e do morse, mas que apresenta sempre novas actividades e que sabe descobrir lá fora instrutores competentes.

«Um chefe compreensivo, não um substituto para os domingos e quintas-feiras de certos pais e professores com os seus «não faças isso!, não faças aquilo!, está quieto!, não metas o dedo no nariz!»

«Expulsemos os escrúpulos dos adultos, e com os rapazes, divertamo-nos sem intenções reservadas».

No congresso foi ainda aprovado que os chefes possam fazer as alterações que julguem necessárias a estes planos, não sem primeiro as submeter a um conselho técnico escotista.

São estas as já célebres «resoluções de Angoulême». Estas inovações, cujo estudo é deveras sugestivo, merecem ser cuidadosamente observadas. Não há dúvida que o Escotismo nas grandes nações continua em evolução, prova evidente da sua grande vitalidade,

JOEL RIBEIRO

II Congresso Nacional das Sociedades de Educação e Recreio

Vai realizar-se em Julho próximo o II Congresso das Sociedades de Educação e Recreio, que despertará grande interesse nos meios associativos. O nosso caro amigo e colaborador Sr. Eugénio Ribeiro Nunes, antigo dirigente escotista, tendo sido convidado a tomar parte nos trabalhos do Congresso, manifesta, mais uma vez, o seu muito interesse pelo Escotismo, apresentando a seguinte tese: — *O que é o escotismo, suas origens e seu desenvolvimento. Os Escoteiros nas duas grandes guerras e nas revoluções nacionais. O seu valor educativo fora e dentro das sociedades de educação e recreio.*

Certamente que muitos escoteiros vão comparecer nesta sessão do Congresso a fim de expressar a este nosso Camarada a simpatia de que é credor.

O ESCOTISMO NA CAPITAL

O «DIA DO ESCOTEIRO»

No dia 23 de Abril p. p., realizou-se no Ateneu Comercial de Lisboa uma pequena sessão comemorativa do «Dia do Escoteiro», com a presença de escoteiros dos Grupos 2, 9, 53, 79 e 94.

O E. C. da Região Centro, António Mira Calhau, abriu a reunião que constou de canções, poesias e jogos, em que tomaram parte os escoteiros presentes.

O Escoteiro-Chefe Geral, Eng.º Jorge Brotas Cardoso proferiu uma palestra alusiva à figura de S. Jorge, fazendo também algumas considerações sobre o pensamento escotista acerca da religião.

Exercício da Região

No domingo dia de 7 de Maio findo, a Região efectuou na serra de Monsanto, um pequeno exercício sob a direcção do E. C. R. Sr. António Mira Calhau.

O exercício constou do conhecido jogo «assalto à bandeira», no desenvolvimento do qual os escoteiros executaram provas de pista e homógrafo.

Compareceu apreciável número de dirigentes e escoteiros dos Grupos n.os 2, 5, 9, 13, 53, 79, 85 e 94.

GRUPO N.º 79

Homenagem—No dia 21 de Maio findo, este grupo prestou homenagem ao seu presidente e velho amigo desta unidade, Sr. Joaquim Sant'Ana de Carvalho, aproveitando a passagem do seu aniversário.

Visita de estudo—No dia 22, efectuou-se uma visita de estudo aos Museus dos Coches e do Dr. Leite de Vasconcelos, em Belém, que foi dirigida pelo Chefe Administrativo, Sr. Lobo de Carvalho.

• • o • •

O CALÇÃO DO ESCOTEIRO

Contou-nos o «*Diário Popular*» de 22 de Maio findo, que «quatro escoteiros franceses, Jacques Bouchardat, Jean Raspail, Yves Rarbendeau e Philipe Adrien, que pretendiam ir do Canadá a Nova Orleans, atravessando o Mississipi, ao passarem por Nova Iorque foram obrigados a despir os seus calções da farda escotista porque os seus joelhos nus provocaram tantos ataques de riso, tantos atropelos e desordens pelas ruas por onde andavam, que a polícia foi obrigada a intervir e a restabelecer o trânsito. Depois vestiram umas calças à golfe e lá puderam seguir tranquilamente o seu caminho».

Se este acontecimento tivesse ocorrido em Lisboa, o portuguezinho, sempre disposto a diminuir o que é seu, diria que se tratava de uma falta de civilização, de educação, etc. Agora na América!...

Parece-nos, no entanto, que o povo português, sempre amável para com o estrangeiro que nos visita, seria incapaz de uma atitude tão grosseira.

Vem a propósito contar um outro acontecimento passado com os calções dos escoteiros, segundo uma versão que ouvimos a um antigo dirigente escotista.

Quando se realizou em Inglaterra um dos primeiros «Jamborees», as delegações estrangeiras desfilaram em Londres aclamadíssimas pelo povo que abria alas nas ruas.

Os escoteiros americanos usam calças compridas. Quando a sua delegação surgiu nesse grande desfile, o seu uniforme estabelecia um grande contraste com o das restantes delegações, a quem o calção emprestava o aspecto alegre e jovem, ao passo que aos americanos a calça imprimia o tipo militar. O povo londrino, que aclamou todas as deputações, manteve-se calado, silencioso, perante a americana.

À noite efectuou-se novo desfile. Os escoteiros amercianos foram então estrondosamente ovacionados. Tristes pelo silêncio dos londrinos à sua passagem, tinham cortado as calças e feito calções.

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Concurso Interpatrulhas

Em Olhão, no dia 8 de Maio, no campo de jogos do grupo n.º 6, realizaram-se, o III Concurso Interpatrulhas e o I Concurso Inter-equipas, da Região do Sul dos Escoteiros de Portugal.

Estavam inscritas as patrulhas «Andorinha», do Grupo n.º 6, «Águia», do Grupo n.º 60 e «Leão», do Grupo n.º 77 e as equipas «Violeta», do departamento da D. A. F. de Olhão e «Madressilva», do departamento de Vila Real de Santo António.

As provas foram as seguintes: para escoteiros, revista de uniformes e equipamento individual e colectivo, evoluções, exercícios de prontidão, verificação de classes e de «capacidades», armar e desarmar tendas, macas, pensos e condução de feridos, nós, homógrafo, morse (apitos), solução de um problema com base na Lei (patrulha), canções e gritos de patrulha. Para «dafistas», macas e pensos, homógrafo, morse (apitos) nós e pistas.

Por dificuldades insuperáveis não compareceram as patrulhas representativas dos grupos de Vila Real e de Faro.

Ficaram vencedoras a patrulha «Andorinha» e a equipa «Violeta», ambas de Olhão. Foram-lhes entregues fitas para os «totens».

Assistiram ao concurso, que foi público, o Sr. Dr. Luís Bernardino da Silva, presidente da Comissão de Honra do Grupo n.º 6, o Sr. Dr. Manuel de Sousa Guita, antigo escoteiro e sub-delegado regional da Mocidade Portuguesa, e Dig.mas Esposas, e dirigentes dos Grupos n.os 59, de Tavira, e 60, de Vila Real.

O VI Concurso Interpatrulhas realizar-se-á em Outubro do corrente ano.

II Reunião de Dirigentes da Região do Sul

Por iniciativa dos Serviços Regionais do Sul, no dia 29 do mês findo, no aprazível e pitoresco local denominado «Moínhos da Rocha», a oito quilómetros da cidade de Tavira, realizou-se a II Reunião dos Dirigentes da Região.

Compareceram os chefes, ajudantes, instrutores, guias de secção e de patrulha dos grupos n.os 6, 59, 60 e 77.

O chefe regional expôs o plano e o interesse do IV Acampamento Regional que se realizará em Faro, no dia 19 do corrente.

Inscreveram-se dez patrulhas que serão instaladas em dezasseis tendas de campanha, pertencentes aos grupos.

Foram estudados diversos problemas e divergências que se observam nas actividades técnicas e nos ceremoniais dos grupos algarvios, tendo sido aprovadas as seguintes disposições, para serem usadas por todos os grupos:

Normas para uso de sinais convencionais complementares do alfabeto morse;

Os sinais de pista a adoptar pelos gruda região;

Colocação e porte das várias peças do uniforme e equipamento;

O cerimonial usado pelo grupo n.º 6 no içar das bandeiras nos acampamentos e bivaques.

O Sr. Francisco de Pina lembrou os bons serviços de propaganda e de doutrina escoteira prestados pelo «*Sempre Pronto*» e propôs que os grupos enviassem à redacção do nosso jornal, noticiário de todas as suas actividades, e listas de novos assinantes.

A reunião decorreu, como é habitual e próprio, em ambiente agradável de boa compreensão e vincada camaradagem.

Assistiram alguns escoteiros dos grupos n.os 6 e 60, que quiseram acompanhar os seus chefes na magnífica excursão.

Mais 200 assinaturas

O primeiro mês da campanha para mais 200 assinaturas foi deveras promissor. Registámos até agora 62 novas assinaturas. Só o nosso camarada de trabalho Faustino Leitão angariou à sua parte 32 novos assinantes. No próximo número daremos os nomes de todos os assinantes entrados e seus respectivos proponentes.

As 200 assinaturas são uma necessidade inadiável. Precisamos de atingir o nosso objectivo com brevidade e esperamos que entre os muitos amigos do «*Sempre Pronto*» haja um movimento de simpatia e colaboração no nosso trabalho enviando-nos novas assinanaturas. Só assim o jornal — que é de todos — poderá manter com êxito a sua obra.

• • o • •

Uma Sociedade da Língua Portugusa

A ideia foi lançada há pouco, mas sobre ela vêm soprando ventos de feição. O prof. dr. Vasco Botelho do Amaral, que, desde há anos, está desenvolvendo uma notável acção em prol da língua portuguesa através do livro, da imprensa e da rádio, acaba agora de lançar as bases para uma «Sociedade da Língua Portuguesa», organismo que terá sobre si o encargo de velar pelas virtudes da Língua e orientar a todos na sua cultura eficiente.

Esta iniciativa mereceu um acolhimento invulgar de todas as classes, desde os simples trabalhadores até a nomes prestigiosos de intelectuais.

Não podia o «*Sempre Pronto*» conservar-se indiferente ante um movimento tão útil e, ciente do valor inestimável deste empreendimento, chama a atenção de todos os seus leitores para esta prestimosa organização, ao mesmo tempo que manifesta o seu interesse pela iniciativa, oferecendo os seus serviços e apresentando sinceras felitações, pelos êxitos já obtidos, àquele ilustre Professor.

Grupo n.º 6 — Olhão

Reunião Geral — Em 31 do mês findo efectuou-se a habitual reunião geral, que teve por fim homenagear, pelo seu regresso à actividade, o Chefe Militão dos Santos, que como o «*Sempre Pronto*» noticiou, foi submetido a uma operação.

A reunião foi presidida pelo E. C. R. João Trigueiros, pelo homenageado e pelo membro da Comissão de Patrocínio do Grupo, Sr. Alfredo dos Santos Delgado.

Pelo Escoteiro-Chefe Regional Sr. Trigueiros, foi entregue ao Chefe Militão uma mensagem assinada por todos os dirigentes e demais escoteiros deste grupo e pelas camaradas da D. A. F., na qual todos afirmavam a amizade e admiração que sentem pelo seu Chefe, verdadeiro exemplo de vontade e espírito escotista.

VULTOS DA NOSSA TERRA

ALEXANDRE HERCULANO

O talento sem o carácter não dá uma individualidade, e a individualidade de Alexandre Herculano é distinta e profundamente caracterizada.

ALBERTO DE SERPA PIMENTEL

Para nós, escoteiros, que nos habituámos a encarar a vida como uma viagem através de uma estrada mais ou menos longa, mais ou menos breve, mas uma estrada que temos de percorrer, e queremos fazê-lo com passo firme e olhos postos num alvo, é agradável encontrar na berma do caminho as pegadas de outros que seguiram a mesma senda e sabemos terem alcançado com êxito o alvo proposto, sem que as asperezas da vereda lhe tenham abatido o ânimo e obrigado a retroceder.

Alexandre Herculano de Carvalho Araújo é um dos vultos nacionais que através da sua viagem nesta vida, conseguiu notabilizar-se não só pela obra que realizou, mas pela forma como a realizou.

Nasceu em 1810 e tendo vivido num século em que floresceram grandes escritores portugueses, Alexadre Herculano conseguiu destacar-se entre todos.

Foi bibliotecário da Biblioteca da Ajuda e residiu neste mesmo bairro, onde hoje o «*Sempre Pronto*» tem a sua redacção. Foi poeta, romancista, filósofo, historiador, jornalista. Fez poesia sòmente até aos 25 anos, mas mesmo neste campo nos deixou obra de apreço, entre a qual «*A Harpa do Crente*», muito notável.

No romance legou-nos obras admiráveis pelo estilo vernáculo e harmonioso: «*O Bobo*», «*Eurico*», «*O Monge de Cister*». Escreveu teatro histórico, «*Lendas e Narrativas*» e numerosos opúsculos onde reuniu trabalhos de muito valor, e colaborou no «*Panorama*».

Como historiador, a sua obra é de sobremaneira valiosa pois Herculano revela-se o maior, o primeiro historiador português. Dotado de um espírito de investigação aprimorado, efectuou com dedicação, diremos melhor, devoção, um estudo conscencioso dos diversos factos da história pátria, arrostando com a desorganização dos arquivos da época, através de todos os sacrifícios. A sua História de Portugal ficou incompleta, terminando no século XIII, mas mesmo assim é um trabalho notável que faz luz sobre muitos acontecimentos, expurgando-os de fantasias e crendices. Escreveu-a no desejo de a oferecer a D. Pedro V, quando príncipe, de quem era amigo, para que pudesse possuir a verdadeira história do país que ia governar.

Publicou também a «*História da Origem e Estabelecimento da Inquisição em Portugal*», em três volumes. O espírito independente e desempoeirado do grande escritor, o seu amor à Verdade, valeram-lhe dissabores. Os ataques que lhe foram feitos, aborreceram-no e desgostaram-no, mas não conseguiram intimidar o grande historiador que publicou alguns opúsculos provando a veracidade dos seus escritos, revelando-se ainda aí um polemista vigoroso.

Por fim, magoado com a injustiça dos homens, terminou a sua actividade literária e retirou-se para a sua quinta de Vale de Lobos, onde se dedicou à vida campesina que muito amava, falecendo em 1877.

* * *

Herculano bem merece que os escoteiros portugueses o honrem como patrono de, pelo menos, uma das suas patrulhas, que encontraria no estudo da sua obra um trabalho bem digno para uma boa patrulha sénior. A sua vida pode ser considerada a vida de um escoteiro. Profundamente honesto, austero mesmo, sincero nas suas convicções e crenças, foi um cristão verdadeiro. Oriundo de famílias pobres estudou à sua custa num esforço admirável, fazendo-se a si próprio.

Na mocidade, o seu idealismo e o seu muito amor à Pátria levou-o a tomar parte em lutas que então se deram. Lutou, foi valente. Sacrificou-se pelos seus ideais ao ponto de ter de sofrer o exílio.

Investigador — como um escoteiro deve ser — tinha a verdade como objectivo. Trabalhador, desprezou todas as honrarias, condecorações, títulos, favores e, até, cargos de Estado, sem contudo desmerecer amizades grangeadas.

A sua pena nunca se perdeu em louvaminhas, já que o seu ideal era servir a Verdade e a sua Pátria. Para mais se aproximar da ideia escotista era o campo o ambiente que mais apreciava.

Bom patrono para uma Patrulha, cujo lema poderia ser: *Pela Verdade e pela Pátria.*

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

BRASIL

Ajuri-Escoteiro Nacional de 1950

Na assembleia geral ordinária, efectuada no passado dia 13 de Abril, foi aprovada uma proposta para se realizar no Recife, em Janeiro do próximo ano, um acampamento nacional, denominado «Ajuri-Escoteiro Nacional de 1950». A CBET resolveu tornar oficial este acontecimento e louvou a Federação Pernambucana por ter elaborado tão importante iniciativa.

Directoria da CBET para o Biénio de 1949-1950

Na mesma assembleia, foram eleitos para a Directoria da Confederação Brasileira dos Escoteiros de Terra os seguintes membros:

Presidente: Dr. Arnóbio Vanderlei; *vice-presidente:* Major Leo Borges Fortes; *secretário-geral:* Dr. Conegundes Moreira; *tesoureiro:* David M. de Barros; *secretário da publicidade:* Ten. João Brito Jorge; *comissário técnico:* Dilermando Cristo; *comissário de escoteiros:* José Fernandes Lage Filho; *comissário de pioneiros:* Orlando Leobons; *comissário de lobinhos:* Eurípedes da Rosa.

Aos novos dirigentes do escotismo da nação irmã, apresenta o «*S. P.*» calorosas felicitações e desejos de muitos êxitos no desempenho dos seus cargos.

NORUEGA

O coronel Wilson, director da Secretaria Internacional, visitou recentemente este país, onde estudou diversos planos que se relacionam com o próximo «Rover-Moot».

O coronel Wilson, que é muito estimado na Noruega por ter sido comandante em diversas e muito importantes operações, durante a guerra, dos «comandos», constituídos por forças britânicas e norueguesas, que atacaram e destruíram fábricas de água pesada, mantidas pelos alemães na Noruega, foi recebido pelo rei e assistiu a uma cerimónia oficial comemorativa deste feito militar em que perderam a vida muitos heróicos militares de ambas as nações.

ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

Acampamento — Realizou-se nos passados dias 28 e 29 de Maio findo, um acampamento dos escoteiros da patrulha «Galo» deste Grupo, o qual decorreu bem, apenas com a contrariedade do mau tempo não ter permitido a realização de alguns trabalhos de campo, e ter impedido também a presença de mais escoteiros. Este acampamento efectuou-se no «Casal Saldanha», nos arredores desta Vila.

Reunião do Grupo—A fim de tratar de assuntos que se prendem com a vida do nosso Grupo, houve, na passada segunda-feira, 30, uma reunião na nossa sede, durante a qual se apreciou a boa vontade que existe entre os antigos escoteiros no sentido de dar início aos trabalhos de verão. Merece citação especial o escoteiro Aníbal Horta, que também falou sobre a comemoração no próximo dia 26 do aniversário do Grupo. Foi com satisfação que vimos a presença do Chefe Sr. João Amorim, que, por motivos particulares, tem andado retirado dos trabalhos do Grupo.

Música — A nossa banda de música executou no dia 5 do corrente mais um concerto no Jardim Parque, sobre a regência do maestro José Dionísio.